

PMDB reúne 20 para romper

Fernando Henrique acha que bloco cresce na quaresma

GIVALDO BARBOSA



Cristina e Fernando Lyra: de saída mesmo

Até ontem pela manhã, o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) já havia recolhido 20 assinaturas de colegas seus, do PMDB no Senado, para um documento formalizando a ruptura de seu partido com o governo. Insatisfeito com os rumos que o PMDB tomou, o senador está defendendo uma posição mais coerente do partido com os compromissos defendidos em praça pública e para isso só há mesmo uma saída: desligar-se totalmente do governo do presidente José Sarney.

O documento agora vai para a Câmara para ter o apoio também dos deputados peemedebistas e deverá estar pronto, ainda em meados desta semana, segundo previsão de Fernando Henrique. "Somos, a partir de agora, um bloco independente que faz uma dissidência", explicou, ao lembrar que hoje existe uma total descrença sobre os rumos que o PMDB vem traçando. Essa iniciativa para ele, é a reafirmação das propostas do PMDB "porque nós queremos um partido forte".

Isso não significa que está descartada a idéia de criação de uma nova sigla. afirmou o senador, que se o PMDB não votar os quatro anos de mandato para o presidente Sarney, "que é um imperativo da vontade popular", e se ele não rom-

per com o governo, "é que o PMDB saiu de mim e não eu dele". O senador deixou bem claro que o documento não formaliza a criação de um novo partido e "uma questão é a relação do partido com o governo e outra, é com a Constituinte".

Fernando Henrique também criticou o baixo quorum de parlamentares esta semana e disse que não há nenhuma razão para não se votar nada nestes dias que antecedem o feriado. "Temos que votar essa semana, se não é por descanso dos constituintes, que têm mandato para estarem aqui". Lembrou que votou no parlamentarismo e nem por isso ausentou-se de Brasília "e hoje (ontem) estou aqui para aperfeiçoar o sistema aprovado (presidencialismo) porque a emenda que passou é mal feita, tecnicamente errada e vai dar trabalho para ser corrigida".

Fernando Henrique Cardoso disse ontem que não vai deixar a liderança do partido no Senado, mesmo sendo um dos coordenadores do bloco de oposição do PMDB dentro do Congresso Nacional. Ele diz que não precisa deixar a liderança porque a maioria dos senadores apóia a sua posição. Até o início da noite de ontem, 21 dos 41 senadores do PMDB já haviam assinado o manifesto de criação do bloco.

O documento, que será divulgado após o feriado da Semana Santa, está sendo assinado também por deputados e que, na perspectiva de Fernando Henrique, poderá elevar o número de integrantes do bloco para cerca de 70 parlamentares.

No manifesto, senadores e deputados peemedebistas anunciam sua disposição de lutar pela aprovação de um mandato de quatro anos para o presidente Sarney e ainda demonstram sua preocupação com a linha econômica a ser adotada pelo Governo. "Essas coisas são fundamentais para continuarmos no PMDB", diz o líder daquele partido no Senado, acrescentando ainda que se isso não acontecer, "nos restam outros caminhos".

"Outros caminhos", para ele, podem ser desfiliação, para formação de um outro partido ou mesmo para se optar por outras legendas já existentes. A estratégia de não deixar agora o PMDB, preferindo formar dentro do próprio partido um bloco de oposição, é segundo o senador, apenas uma "dinâmica diferente". Ele não critica os que preferem se desligar imediatamente, mas pessoalmente, afirma que prefere ficar e dar mais um tempo: "Eu sou um ingênuo. Vivo iludido".

Lyra e Cristina saem do PMDB

Os deputados Fernando Lyra e Cristina Tavares (ambos do PMDB/PE) desligaram-se ontem oficialmente do partido, causando grande constrangimento em seus colegas constituintes. Lyra, em emocionado discurso de despedida, disse: "Pelas minhas convicções e pela minha história política, não posso compactuar com uma legenda que esmaga o sonho de milhares de brasileiros". Os discursos dos dois parlamentares pernambucanos foram ouvidos com atenção pelo presidente Ulysses Guimarães, que deixou transparecer, nos gestos e no olhar, uma grande tristeza pela saída de Lyra e Cristina.

"Há poucos dias o plenário da Assembleia Nacional Constituinte reviveu um dos momentos mais infelizes da história brasileira, proporcionando um retrocesso institucional e político de 164 anos", disse o ex-ministro, referindo-se à sessão da Constituinte que aprovou cinco anos de mandato para os futuros presidentes do Brasil. Fernando Lyra lembrou que "sem tropas nas ruas, mas com bilhões de cruzados do povo brasileiro, o presidente Sarney repetiu Dom Pedro I, cercou essa Casa, desmoralizou-a e escreveu-

sua própria Constituição". O deputado pernambucano disse ainda que esse gesto foi testemunhado por toda a Nação, e que ele significou o coroamento de uma série de atitudes que tornam insuportável a permanência no PMDB "dos que lutaram contra a ditadura militar".

Fazendo uma análise do momento político por que passa o PMDB, o constituinte lembrou que atualmente coabitam na mesma legenda áulicos, corruptos e corruptores, o que inviabiliza a permanência de determinados segmentos na mesma legenda. "Estou saindo — continuou — por não concordar com esse retrocesso planejado pelo Palácio do Planalto e devido à sucessão de absurdos que o PMDB vem cometendo, pressionado pelo jogo palaciano. Há 22 anos, com bravos companheiros, ajudei a fundar o MDB, abrindo uma trilha de luz no obscurantismo então reinante. Mas o que se vê hoje não é o PMDB, pois esse é um partido que esmaga conquistas e castra avanços".

Fernando Lyra fez questão de deixar clara sua dissidência com o Governo Sarney, de quem já foi ministro da Justiça. "O Governo Sarney empurra a

Nação para o obscurantismo do século passado, ao fazer aprovar os cinco anos e dizer que vai acabar com as conquistas dos trabalhadores. Com um só lance tripudiu suas conquistas mais caras. O PMDB se acovardou diante das forças que apearam Tancredo Neves do Governo. Um PMDB que durante 21 anos comungou idéias de um partido que pregava o avanço político. O que está aí é a negação de tudo. Não posso compactuar com um Governo que congela salários e libera os preços".

"Não posso estar ao lado dos aliados da ditadura de ontem, ao lado de membros que traíram as aspirações do povo. Não, esse não é o meu partido. Essa não é minha história. Com meus companheiros deixo o PMDB. A base pernambucana de meu partido não tem forças suficientes para neutralizar a pusilanímida de daqueles que não têm compromissos com a história. Antes de me despedir, quero dizer ao líder Mário Covas, instrumento de amor à liberdade e à justiça, que continuaremos lutando sob sua liderança. Eu e Cristina Tavares nos despedimos da legenda que tanto amamos para dizer que continuaremos fiéis ao que sempre fomos".

Quêrcia cresce dentro do partido

MARILENA DÉGEO
Da Sucursal

São Paulo — As convenções municipais realizadas no último final de semana, que deram maioria dos diretórios ao grupo do governador Orestes Quêrcia, e do vice Almino Affonso, abalaram as bases dos senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso. Os candidatos às prefeituras ligados a essas lideranças e que perderam os diretórios de suas cidades deverão desde já estimular a saída de ambos do PMDB para a formação de um novo partido.

Mas a definição de Covas e Fernando Henrique dependerá fundamentalmente de duas questões básicas, que deverão ter solução nos próximos dois meses: a votação do mandato do presidente José Sarney para a escolha do novo Diretório Regional. O deputado estadual Waldir Trigo, ligado ao grupo de Covas, acredita que se Quêrcia não foi hábil para conter o uso do máquina por parte dos seus secretários de Estado, atuando como "um rolo compressor sobre os delegados" não haverá como conter o desligamento do líder do PMDB na Constituinte.

Pelo menos doze deputados estaduais e doze deputados federais do partido em São Paulo deverão acompanhar a decisão de Covas. Da bancada fede-

ral, João Hermann, que perdeu o Diretório de Piracicaba e Koyo Iha, que nem disputou a convenção do Diretório de São Vicente, na litoral paulista. Também na cidade de Santos, onde Covas tinha a sua mais importante base eleitoral, o seu candidato à sucessão municipal, deputado estadual Rubem Lara, retirou a chapa da convenção prevendo que seria derrotado pela chapa articulada pelo deputado federal Del Bosco Amaral, que conta com o apoio do atual prefeito.

Trigo, que conseguiu fazer maioria nos diretórios municipais onde tem sua base eleitoral, acha que a pressão desses derrotados não será suficiente para Covas, Fernando Henrique e o ex-governador Franco Montoro deixarem o PMDB. "O caldo de cultura para dar unidade ou dar sinais de crescimento da idéia de um novo partido vai acontecer na votação do mandato de Sarney e na prévia do Diretório Regional se for esmagado pela máquina de Quêrcia, não fico no PMDB. E isso vai acontecer em todos os estados" — avalia o deputado.

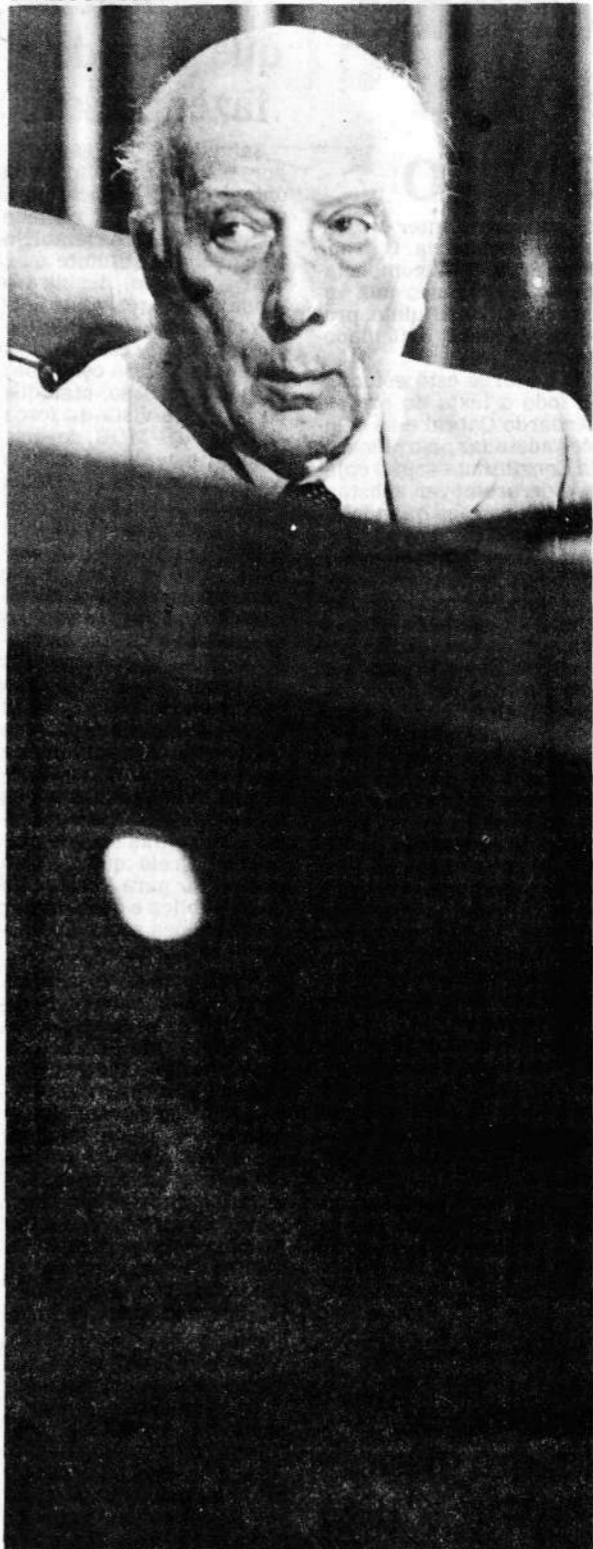
A prévia do Diretório Regional, ao contrário das convenções municipais, atingirá diretamente os caciques do PMDB. Covas, por exemplo, se perder para o grupo de Quêrcia-Almino terá inviabilizada a sua candidatura dentro do partido ao governo do Estado. Pelo menos essa é a

avaliação que se faz hoje, se for mantida a aliança do governador com o seu vice, que pretende concorrer à sucessão estadual em 1990. Caso as eleições presidenciais se realizem este ano e Quêrcia for candidato, há possibilidade de um acordo. Almino assume o Palácio dos Bandeirantes e Covas fica livre para disputar o governo do Estado pelo PMDB.

Para os peemedebistas paulistas ligados a Covas, Fernando Henrique e Montoro, ainda existe dois por cento de chances de salvar o PMDB. Por essa razão, essas lideranças não decidiram deixar o partido. A seus assessores, Almino Affonso, que fez com Quêrcia 80 por cento do Diretório da capital e a maioria nas outras grandes cidades do Estado — como Campinas, onde o deputado Manoel Moreira fez 93 por cento do Diretório — não acredita que os dois senadores deixem o PMDB, simplesmente porque não têm para onde ir. Covas, além disso, teria que abrir mão de duas secretarias de Estado: dos negócios metropolitanos e do abastecimento.

A prévia para compor o Diretório Regional do PMDB paulista será no dia 24 de abril. Se a definição do mandato do presidente Sarney não ocorrer antes, os chamados "históricos do partido" em São Paulo poderão antecipar as suas dissidências, condicionadas principalmente à derrota dos quatro anos.

JIVALDO BARBOSA



Ulysses lamentou a saída de mais dois do PMDB

Saída de históricos abate mais Ulysses

CELSON FRANCO
Da Editoria de Política

Dizem que ele chorou. Não há confirmação sobre isso, mas Ulysses Guimarães ficou profundamente entristecido com a despedida dos deputados Fernando Lyra e Cristina Tavares, que deixaram ontem o PMDB, para um destino ainda incerto. Provavelmente um novo partido, de linha social-democrata, que retome as bandeiras que dizem terem sido esquecidas pela legenda que ajudaram a construir.

O presidente do PMDB chegou a Brasília ontem de manhã, acompanhado do senador Fernando Henrique Cardoso. Durante a viagem, ouviu informações sobre a estruturação de um bloco dissidente dentro do partido, embrião de uma nova agremiação política. Não disse nada. Apenas "me olhou com um olhar de crocodilo", segundo o líder do PMDB no Senado.

As 15 horas, assumiu a presidência da Mesa da Constituinte, e assistiu o deputado Fernando Lyra dizer, da tribuna, que o seu partido, "a histórica trincheira de lutas, transformou-se num ambiente em que coabitam áulicos, adiestrados, corruptos e corruptores, sanguessugas da vitalidade nacional... Tudo isso... sob a batuta do Palácio e o olhar complacente da cúpula do PMDB".

Ulysses depois diria, abatido com as críticas e, principalmente, com a saída de companheiros que estiveram tantos anos a seu lado, que "estou em desacordo com várias afirmações — embora ele tivesse que fazê-las — do deputado Fernando Lyra". E compenhou, meio num desabafo: "Mas o partido continuará sua trajetória".

Foi uma entrevista magoada, porque "é sempre doloroso antigos companheiros, vários deles vêm desde a fundação do partido, estávamos acostumados a conversar, a estar juntos, pensávamos juntos... para mim é profundamente doloroso a saída deles".

Mas o PMDB, outra vez tentou combater a sensação de perda, "é um grande partido e deve estar

preparado para isso". Então se rendeu à tristeza, e buscou, para traduzi-la, a imagem do pai que, impotente, vê os filhos partirem: "é como os pais que sabem que seus filhos vão para longe, até para outros países; é triste, mas pode acontecer".

Ulysses não tem feito outra coisa, nos últimos dias, que não seja tentar evitar as despedidas. Foi assim, durante o fim de semana em São Paulo, e também em Brasília: ainda procurou — "há tempo para um apelo?" — impedir a saída de Fernando Lyra, ma, inutilmente.

Tentou, e continua nessa tarefa, de todas as maneiras. Está procurando "os companheiros", um a um, porque "se dependesse de mim, dos meus esforços, dos meus apelos, eles não deixariam o partido". Porque, segundo Ulysses, "não há motivos para sair do partido".

Pedi, e não se cansará de pedir, que "aguardem a Constituinte". Afinal, "o PMDB tem sido uma mãe para todos, inclusive para mim". E chegou a dizer, a alguns desconfortos, que "o PMDB é uma vaca leiteira, que sempre nos deu muito".

Agora, "numa hora difícil como esta", Ulysses acha que "devemos dar ao partido, devemos estar solidários com o partido, esperar atravessar esse túnel de dificuldades". Esse apelo, o presidente do PMDB ressaltou que vai continuar fazendo. Mas, desabafa, "cada um é responsável por sua atitude".

Da formação de um bloco dissidente, já com a adesão de 20 senadores, disse que "eu não sei nada disso, formalmente". Mas colocou sua posição, "antiga", de que "devem existir os partidos, porque eles é que têm existência legal, e programas: a via democrática é a do partido".

Ulysses Guimarães deve viajar hoje para São Paulo, onde passará, ao lado de sua esposa, Dona Mora, o feriado de Semana Santa. Leva consigo a frustração de um plenário vazio e, principalmente, a sensação de impotência, ante o esvaziamento de seu partido: o PMDB iniciou a Constituinte com 306 parlamentares; está hoje com 285.

Casal Camata já se acha fora do PMDB

O senador Gerson Camata e a deputada Rita Camata já se consideram desligados do PMDB e aguardam a melhor oportunidade de formalizar a decisão. Foi o que disse ontem, em Brasília, a deputada Rita Camata, acrescentando que sairão também pelo menos 15 prefeitos e dezenas de vereadores do Espírito Santo. A deputada ouviu ontem os discursos de Fernando Lyra e Cristina Tavares, de desligamento do PMDB.

De Alagoas, podem ainda sair do PMDB nas próximas horas, o senador Teotônio Vilela Filho e os deputados José Costa, Geraldo Bulhões e Renan Calheiros — todos ligados ao governador Fernando Collor de Mello. De Brasília, o deputado Sigmaringa Seixas dificilmente continuará no PMDB, se o partido ficar sob o controle do empresário Múcio Athayde — o possível vencedor das convenções de domingo último. O deputado Tadeu França (PR) deve anunciar hoje seu desligamento.

Itamar e Tito podem ir para novo partido

Belo Horizonte — Os senadores Ronan Tito (PMDB-MG) e seu colega Itamar Franco (sem partido) são as duas aquisições de peso que os oito deputados constituintes mineiros, que na semana passada formalizaram sua saída do PMDB, esperam que ingressem na nova legenda a ser criada nos próximos dias. Também o ex-governador Hélio Garcia, que goza de grande prestígio no Estado, mesmo sem mandato, e o deputado federal Luiz Alberto Rodrigues (PMDB-MG) são focos de atenção da nova proposta partidária liderada em âmbito regional pelo constituinte Pimenta da Veiga.

Reunidos ontem na Assembleia Legislativa, os deputados revelaram que existe um pacto entre eles, no sentido de que o anúncio da aproximação dos novos correligionários seja feito pelos próprios interessados. Eles adiantaram, entretanto, que são boas as perspectivas de a nova legenda vir a contar em breve com a adesão destes políticos. Os ex-peemedebistas confirmaram ainda que os constituintes mineiros Hélio Costa e Sílvio Abreu acenaram com a possibilidade de engrossar a legenda.

Os constituintes Carlos Mosconi, Roberto Brant, Otávio Elisio, Célio de Castro, Ziza Valadares, Mauro Campos e Pimenta da Veiga reconheceram, contudo, que pelas peculiaridades regionais, o novo partido centrará fogo na administração Newton Cardoso.

Pimenta declarou que a nova agremiação a ser criada pelos dissidentes que abandonaram o PMDB, de linha social-democrata, "será uma demonstração de nossa intenção de resistir à erosão que tomou conta da política em Minas Gerais e no Brasil". Destacou que o futuro partido terá como característica básica "a democratização em todos os níveis" e sua primeira inovação vai ser a instituição de eleições primárias para escolher os candidatos que concorrerão a qualquer cargo eletivo. "Temos pouco tempo pela frente, mas também muito trabalho", continuou.

Descontente, Cunha filia-se ao PDT

Ribeirão Preto — O deputado federal João Cunha assinou na noite de ontem a ficha de filiação do PDT, na presença do presidente do diretório regional do partido, Ademar de Barros Filho. O deputado pretende disputar a Prefeitura de Ribeirão Preto, sua cidade, pelo PDT. Ele justificou a saída do PMDB dizendo que o partido não inspirava mais confiança.

Para ele, o PMDB, através da cúpula dirigente, "desviou-se dos compromissos históricos assumidos pelo partido em duas décadas de existência". Além disso, segundo o deputado, a cúpula do PMDB não pode se definir com relação a questões fundamentais como a dívida externa, a ciranda financeira interna e o modelo econômico.